

ceamos, é talvez a mais estavel de todas quanto se tem produzido.

Pelo menos é aquela que mais se aproxima das ideias de muitos filosofos e escritores russos, dentre os quais me ocorre, Merajkovisky.

Eduardo Frias

Dos novos livros

“A religião do Espaço”, por João Ameal

João Ameal envia-me o seu ultimo livro—*A Religião do Espaço*. Embora o autor sub-intitule de *novela* o seu recente trabalho literario, ele é o proprio que nos vem dizer, antecipadamente, que a *Religião do Espaço* não é uma *novela*, mas quasi um poema, um poema em que faz a apoteose da religião do dominio dos ares, que é ao mesmo tempo, a religião da Beleza e da Renuncia, do Sacrificio e da Epopeia. Os personagens d'este livro são simbolos. *Parsifal*, o heroe, é um simbolo. A *Tentadora*, é um simbolo. *Rafael*, o amigo de *Parsifal*, é um simbolo tambem. Por isso, para eles, e para que não percam a sua grandeza de simbolos, João Ameal não empregou as palavras de toda a gente e as imagens de toda a hora. João Ameal criou-os com a sua imaginação e a sua arte. São, por isso, talvez, inverosimeis. João Ameal confessa-nos mesmo que são inverosimeis. E explica:—*ser inverosímil, é ser superior. A humanidade só acha inverosímil aquilo que não atinge nunca*. Além de inverosimeis—os seus personagens estão fóra da nossa época. Não vivem a nosso lado. Não são de hoje, nem de ontem, nem serão de amanhã—porque os personagens de amanhã serão aqueles que forem tambem de hoje e de ontem. E porque não estão os personagens da *Religião do Espaço* dentro da nossa época? E é ainda

João Ameal que nos diz porquê. Oíçamo-lo:— *Quem está dentro da sua época—obedece á escravidão do maior numero.—Para se ser superior á sua época—é preciso estar fóra da sua época.*

Parsifal—o aviador Claudio Ermida—é um simbolo de vitorioso moderno. Ele realisa a maxima de Ibsen:—«o homem só, eis o homem forte. E porque é um homem forte é tambem um homem puro. Vive na montanha, dentro do seu lar, longe das histerias limitadoras, das civilisações sem beleza, das civilisações onde a vida se perde e se complica, só saíndo do afago biblico do Lar para os momentos epicos da Aventura.

Eis em resumo, em esqueleto—a novela ou o poema de João Ameal, que eu fiz ao correr da pena, mais com as palavras do autor do que com as minhas. Eu não farei o elogio de João Ameal. Tambem, mal d'ele não falarei. O elogio e a agressão são duas coisas tão banaes e tão comprometedoras—que eu, francamente, para não ser banal e para não me comprometer—não direi bem do livro, como mal do livro não direi. Isto não é um desejo de querer ficar bem com Deus, sem ofender o Diabo. E' uma attitude que eu tomo perante certas obras e perante certos autores. Não será uma attitude elegante. Mas as obras de arte não se discutem. Aceitam-se ou repudiam-se. Agradam ou não agradam. Discutir uma obra de arte, exaltando-a ou deprimindo-a, é banalisar essa obra de arte. Ou ha arte ou não ha arte. Mas ha arte individual e ha arte colectiva. Na arte individual está apenas o artista com a sua emoção propria, original e áparte. Na arte colectiva—dentro do artista está a multidão—por quem o artista fala e sente. Da arte colectiva pode o critico discutir—se o critico é artista e está dentro da multidão. Da arte individual—nunca o critico deve discutir—mas interpretá-la, se a sente. O critico deve ser sempre um interprete das obras de arte. Deve, se não as compreender, pelo menos *sentir* todas as obras de arte. Em cada obra de arte ha sempre uma parcela de beleza. E todos devem sentir e compreender a Beleza. O que se deve é combater a monstruosidade que se disfarça sob o manto da Beleza e por ela quer passar.

Se o critico muitas vezes e em muitos casos não

deve discutir a obra alheia—o autor não deve nunca discutir a sua obra.

A obra só pertence ao escritor, enquanto este a não publica. Depois de uma obra sair do segredo e da intimidade da gaveta—deixa de pertencer ao autor para ficar pertencendo ao publico. O escritor quando não escreve para si, escreve para o publico. E o que escreve para si—nunca deve ser publicado. E' por isso que eu não aprovo a attitude de João Ameal, em vir defender a sua obra anterior—*Nossa Senhora da Morte*. Com que direito? Se João Ameal não concede a Lourenço Cayola o direito de discutir a sua *Nossa Senhora da Morte*, João Ameal, como autor, muito menos direito teve a discuti-la.

João Ameal é um novo e é já um nome. E' um escritor que virá em breve ocupar dentro da nossa «litteratura de arte» um dos mais belos lugares. Mas João Ameal está sendo prejudicado pelos elogios dos seus amigos.

João Ameal acreditou nas frases ajoelhadas que eles lhe endereçaram. Fez mal. Se os inimigos nos honram muitas vezes—os amigos prejudicam-nos quasi sempre. Os inimigos invejam-nos as qualidades. Um homem vulgar nunca teve inimigos. Os amigos lisongeiavam-nos os nossos defeitos. Ora é preciso que João Ameal feche o ouvido ás palavras exageradas dos seus amigos. João Ameal tem altas qualidades, e está prejudicando a sua obra de hoje por abusar das suas qualidades de estilista. Quem aos dezasete anos escreveu *O que os meus olhos viram* e logo no ano seguinte os deliciosos dialogos do *Em voz alta e em voz baixa*, não falando na *Semana de Lisboa*, que tem paginas admiraveis de imagens e paradoxos—tem a obrigação de nos dar uma obra, se não definitiva, ao menos mais equilibrada. João Ameal complica demasiado a sua prosa. João Ameal abusa dos adjectivos e das imagens. Torna-se por vezes obscuro e incompreensivel. Mas replicar-me-ha João Ameal, que as suas obras de arte escreve-as ele para os eleitos, para os raros... Mas a obra de arte destinada aos raros e aos eleitos não é uma obra de arte. A arte deve ser para todos, deve entregar-se generosamente a todos. Diante de uma obra de arte não ha eleitos nem raros. Ha apenas um publico anonimo que vibra com a mesma emoção. Orfeu com seus acordes amansava as

próprias feras, que o escutavam, a seus pés, n'um enlêvo...

Um camponio e um bacharel em qualquer coisa devem sentir a mesma emoção, profunda e doce, ouvindo da bôca de quem os saiba dizer, com ternura e alma, uns versos de João de Deus. E é precisamente o povo quem aprecia a beleza da palavra, pois é ele o autor do nosso mais belo poema—o *Cancioneiro*.

João Ameal deve escrever com mais simplicidade. Nas coisas simples é que o artista revela todo o seu talento e toda a sua arte, porque não ha nada mais difficil e doloroso do que a aparente simplicidade.

Escrever para raros, para quê? Escrever para raros é escrever para ninguem. De João Ameal pode dizer-se o que Oscar Wilde dizia em as *Intenções*, de Meredith:—«quem poderá defini-lo O seu estilo é um cáos iluminado de subitos relampagos. Como escritor, é um mestre em tudo, salvo em linguagem; como romancista, tudo consegue, salvo contar uma historia; como artista, tem todos os dons, salvo o da harmonia».

Mas eu prometi não discutir o livro e a arte de João Ameal, e já principiava a esquecer-me...

Reblo e de Bettencourt

O Cinema

Breve analyse da fita “O Primo Bazilio”

Varias opiniões sustentam que o cinema é uma expressão de arte inferior, alheia de beleza, falha de intenções, apagada de qualquer principio artistico. Admito, porém, o contrario e estou em crer que a «Arte do Silencio» como é chamada, não muito distante será uma afirmação de grande força na vulgarisação de todas as Artes.